



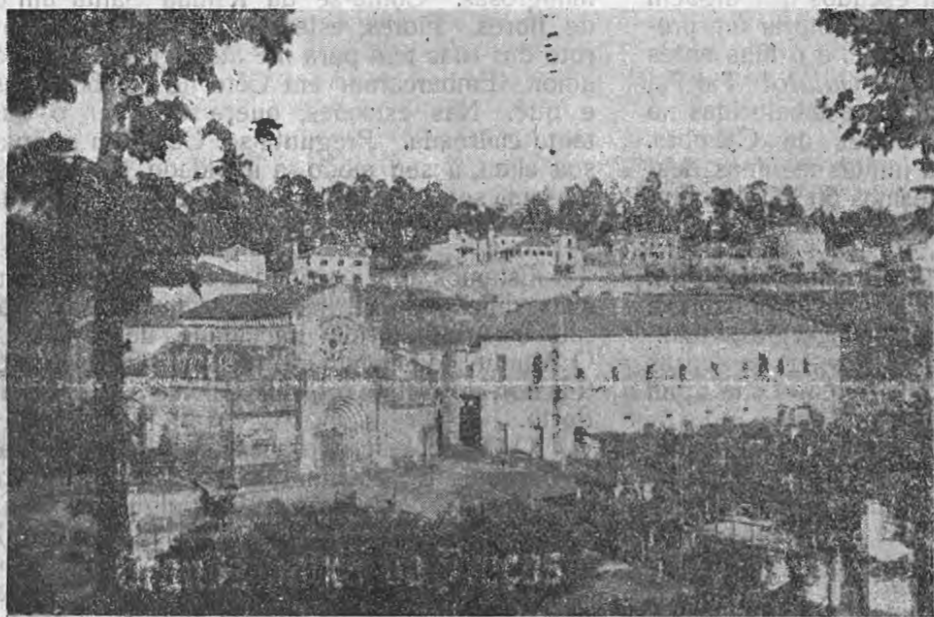
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade: Casa do Gaiato da Pórtia—Povo da Sousa
Vales do Correio para Cete—Preço 1800

DIRECTOR E EDITOR: Padre Américo

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares R. Santa Catarina, 628—Pórtia
Visado pela Comissão de Censura

A NOSSA ALDEIA



DE entre muitas REVISTAS, como diria o nosso Ernesto, que os visitantes costumam tirar da nossa ALDEIA, nenhuma como esta. É total. Estão mais casas a subir, sim, mas esta fotografia, mostra todas quantas estão já construídas e habitadas. Aquela que primeiramente nos vem aos olhos, não conta. Ela era habitação dos antigos Monjes. Hoje, é lar das COLONIAS DOS GAROTOS DAS ILHAS durante os meses de verão, e de ratos e morcegos no inverno. Há ainda muitas coisas lá dentro, que mereciam carinho: A capela. O refeitório com azulejos preciosos. A cozinha. Adega e celeiros. Claustros. Fontes. Foi tanta e tamanha a vida dos Conventos, que levam séculos a morrer! Resistem ao tempo, aos incêndios, aos vandalismos. Sim. Merecia carinho esta parte do cenóbio, aonde a Casa do Gaiato se instalou antes de habitar a ALDEIA, mas eu não tenho dinheiro para as obras. Gastei ali 70 contos, no principio, com reforma dos telhados, e não posso mais. Todas as atenções são poucas, actualmente, para a construção do plano geral da obra.

A começar da direita, temos a casa numero um, onde riscam o António Carpinteiro mai-lo Bartolo, cada um em seu andar, com nove subditos à sua conta. São os chefes encartados. O Bartolo, quebrou ontem um vidro. Veio-me contar a história, aflicto. EU PAGO, disse. Ele é dos que já tem quinzena.

A seguir à Casa numero um, vem o edificio das oficinas, em plena laboração, com alfaiates, sapateiros, carpinteiros e ferreiros. Onde há mais barulho, é na dos sapateiros, por causa do Claudino, que ateima em chamar STACA ó Fernando de Tomar. Ora eu já perguntei ao Mestre se ele não tem lá um sarrafo.

Vem depois a Capela. Ela está no centro e é o centro da ALDEIA. Eu sou do tempo em que se queimavam igrejas e faziam festas às arvores, e mandavam prás cadeias homens de bem, e aqui é que está. Não pode haver injustiça sem castigo. Ele veio. Mudaram os tempos. Hoje temos uma capela no centro de uma obra que é de todos os portugueses. Mas ficou a ruína das almas. Tanta, que ainda há quem tenha saudades do que foi. É o castigo.

Continua na terceira página.

NOTA DA QUINZENA

Eu estava no meu quarto de dormir, a curtir umas dorsinhas de cabeça, quando a porta se abre e entra por ela dentro, quem? Quem é que havia de entrar pela porta do meu quarto? Um soldado com sua farda, uma carta do Sr. Comandante e um pequerrucho pela mão! Escusado é dizer que as dores de cabeça aumentaram. A carta vinha a dizer a história do pequeno. O soldado confirmava. O pequenino arribado, tinha-se instalado no chão a brincar com os cordões dos meus sapatos, alheio a tudo quanto dele se dizia, e ao que eu, por causa dele, me afligia. O soldado foi-se embora. Chamei o Alfredo, que é o meu criado de quarto, e entreguei-lhe o pequenino. Ele anda por aí junto aos mais. Ainda não tive coragem de o chamar a perguntas, nem de o registar no nosso livro de entrada. A perspectiva de caminhar aqui em casa para a desordem, apavora-me. Ora eu chamo desordem, verdadeira desordem, ao facto de tomar rapazes à minha conta, sem ter para eles organização adequada. De dão os tomo. Resisto ao pequenino que directamente me pede, por amor dos que se encontram instalados. É preciso haver um bocadinho de inteligência a governar as forças do coração. Sim. Esta tem de ser a minha atitude. Não é por mim que o barco mete água, mas os de fora não pensam da mesma sorte. Porque se levantou em Portugal a voz de um Padre a denunciar o perigo da criança abandonada, entendem os portugueses, que a melhor forma de cooperar com ele, é mandarem-lhe crianças abandonadas. Se às vezes calha de eu ler uma das muitas cartas que chegam à nossa aldeia, vejo nela, nitidamente, esse espírito de cooperação, ignorando-se que a matéria prima desta obra é de tal abundância, que não é preciso oferecê-la nem procurá-la. Ela aparece. Aos leitores devotos deste jornal; a todos quantos conhecem e sentem a Obra da Rua—clemência, piedade para comigo. As nossas casas têm um limite. Ele há outra maneira mais cristã de cooperar: é fazer mais abrigos para as crianças perdidas. Se a Obra da Rua já demonstrou que pelas ruas e caminhos há brilhantes por lapidar, porque não aproveitar estas riquezas perdidas, para um Portugal melhor? Uma Casa do Gaiato em cada distrito não era de mais. Eu quero dizer melhor: quero dizer em cada diocese. Diocese supõe a Igreja. Só a Igreja é que tem alma. Só ela sente. Tudo o mais é esqueleto. Fora dela toda a desventura é episódio. Mas que é da Igreja? Aonde estão os sacerdotes sem ouro nem prata? Sim, digo bem, sem ouro nem prata. Para que o dinheiro nas nossas mãos possa ter força de sacramento, é preciso receber e distribuir com espírito de pobreza. A pobreza de Jesus. Porisso mesmo a primeira condição que se exige aos que quizerem trabalhar em obras deste teor, é uma isenção absoluta de qualquer interesse material. O discípulo tem de ser igual ao mestre.

deve ?

DO BRASIL

...têm chegado ótimas notícias à nossa aldeia. Ou não fôsse terra descoberta e regada com suor de Portugueses! Aqui ha tempos, como na data se disse, recebeu-se o produto de uma subscrição. Agora, é a carta de um sacerdote, a dizer que quer morrer pobre e que tem uma pancadaria de contos para esta casa.

Com aquela notícia, veio um cheque de 580\$00 e eu fiquei a cismar se aquilo seriam os contos. Dantes, falava-se em dinheiro do Brasil, como sendo mais pobre do que o nosso. Ontem, novo cheque de 14.025\$00 cruzeiros lá e escudos aqui; já vejo melhor caminho para os cem contos.

É um padre da Igreja que quer morrer pobre. Da igreja católica. Eu acho que a maior fortuna de um padre, é justamente o morrer pobre,—por ter dado tudo aos Pobres.

Nisto se conhecem os discípulos de Jesus.

De como têm sido as minhas corridas ao dinheiro

Não é por amor dele que eu vou; é por aquilo que se pode fazer. Para retirar da rua o garoto dos tostões, sou eu obrigado a andar aos tostões! Alguém lucra com a troca; é a sociedade. Aceito intimamente como um favor todo o auxílio que me prestam, mas a verdade é que não é favor nenhum. É uma obrigação.

O meu primeiro passo doloroso deste verão, teve lugar no Bom Jesus do Monte, em Braga. E bem doloroso! No templo, não. Ali está gente que que compreende. Falamos aos nossos. Estamos em casa, — na Casa de Deus. Mas nos hotéis já assim não é. Entrei num. A hora era péssima. Os senhores mai-las senhoras estavam no segundo prato. Nunca na minha vida me custou tanto falar como naquele sítio, àquela hora. Tanto, que não tive coragem de ir aos outros. É natural. É humano. O pregador era um a mais. Se eu estivesse no auditório, também não gostaria de ouvir àquela hora. Estava ali o segundo prato! Era vitela!

Ainda assim, um senhor deitou na saca uma nota de 500\$00. Alguns outros, de 100\$00 e bastantes, mais pequenas. Andou por um conto e quê.

Era meia tarde. Os vereneantes tomam lugar nas esplanadas em justo e merecido repouso. Um pequenito das ruas aparece no topo do escadório monumental. Olha em redor. Tenta aproximar-se, mas teme; e afasta-se, afasta-se. Vai recuando assustado, sempre a olhar em redor, até se sumir de todo no arvoredo. Tão sujo. Tão esfarrapado. Em tudo irmão dos teus, tirante o berço. Eu estava no patamar do templo, sozinho, que é a melhor companhia para vermos profundidades. Vi. Senti. Quanta beleza no mundo não escapa ao olhar dos mortais, quanta! O coração é que vê. Nunca ninguém teve medo dos homens de coração, como aquela criancinha teve naquele dia, a olhar em redor, assustada, repelida. Fui buscar ao Bom Jesus mais uma lição da dureza do mundo. Não foi essa que deu o Bom Jesus!

A outra corrida foi à Figueira. Ali já me conhecem. Há dez anos que lá vou. Este, trouxe mais do que nunca! Foi à Missa dos onze e meia, no Forte. Não trouxe nada. Deixei ao P.^o Adriano, para a casa de Coimbra. A terceira foi à Póvoa. A Póvoa do ano passado. A tarde disse assim no alto falante do Modesto:

Faz hoje precisamente um ano, que eu estive neste mesmo sítio, a dar notícias da «aldeia dos rapazes», sita na freguesia de Paço de Sousa, a uns trinta quilómetros da cidade do Porto. Hoje, não é necessário falar. De conhecida que é, a Obra fala por si. Uns pelo que teem lido. Outros pelo que teem observado. Muitos pelo que ouvem. Todos pelo que sentem e assim de tal forma se tornou conhecida a «aldeia dos rapazes, que já não cabe dentro dos estreitos muros de Portugal; no estrangeiro também se sabe que chegou a hora de redenção para o garoto das ruas.

É uma palavrano. É o «ovo de Colombo» do século presente. É uma formidável demonstração do valor espiritual desses inocentes farrapos a que os nossos olhos se afizeram e aonde o coração de quem sabe amar, pode descobrir e na realidade descobre, infinitas possibilidades divinas. Como descobrir essas riquezas nos farrapões da rua? Olhando para cada um deles com o olhar de Jesus. Mais nada. Não é preciso mais nada. Essa visão, dá-nos a compreensão total da criação. Vê-se nela imediatamente o homem. O cristão. Um mundo. É do Céu que vem esta luz. Essa Luz veio ao mundo e muitos não a recebem, nem querem receber! Sem ela, não há conhecimento.

Sim; o ovo de Colombo. Eu quero pedir a todos, sobretudo à Igreja, que por intermédio dos seus sacerdotes, levante da lama dos caminhos, os inocentes perdidos, e que dê a cada um aquilo que lhe pertence. É tão fácil! Eles fazem tudo. Basta que se lhes compre uma pequenina herdade e se lhes confie o amanhã. Assim começou há 5 anos a «Obra da Rua», com três vadiositos e hoje somos 230 deles! Tudo é feito por eles. Eles interessam-se. Querem realizar. Sentem-se no que é seu. Vivem felizes. Amam. Isto é a Casa do Gaiato.

Mas a nossa Obra é mais. Ela é uma prisão. Prende por amor. Quem há no mundo que melhor prenda os filhos, do que as saias da Mãe? É assim, por este sistema caseiro, que o vadio dos caminhos vem por si mesmo bater à nossa porta e por si mesmo se prende.

Do que nós necessitamos

Apelamos mais uma vez e sempre, para a necessidade que a nossa família experimenta, quanto a roupas; e porque pobres, com as usadas nos contentamos. Família, digo bem. Toda a obra social que se apresenta para amparo dos sem lar, tanto mais rende quanto mais for uma família. Nós aqui somos assim. Uma ância fervorosa de Nazaré.

Se não chegamos a tanta perfeição, trabalhamos nos seus moldes. Deus supre as nossas naturais deficiências. O que Ele faz por quem trabalha, somente se há-de saber na Eternidade! Mas vamos à roupa. A roupainha.

Nós não exigimos enxovais aos que demandam a nossa porta. Mais. Quasi sempre a roupa com que eles se apresentam, tem de ser imediatamente queimada.

A quem havemos de pedir enxovais? A's famílias? Não a teem! A eles? São da rua. Pedimos aos amigos da Obra. Tem sido um verdadeiro prodígio, isto de ter sido possível vestir e calçar centenas de nus, com as roupinhas que os vossos deixam.

Não sei se chegou a fazê-lo ou como é que o fez, mas o certo é que a América do Norte, segundo os jornais disseram, pensou mandar fatos usados para a Europa. Milhões deles.

Fiquei triste ao tomar conhecimento da notícia. Tive sempre muita pena dos pobres que outrora viveram bem...

Mais uma nota de mil escudos que alguém foi deixar no Depósito. Era para comprar um presente a um filho, pelo seu exame, e o filho antes quis dar a prenda à Casa do Gaiato! Tal Pai qual filho. Mais 32\$00 de multas, estabelecidas no regulamento de umas estudantes de Coimbra. Quem dera que haja por lá muitas meninas des-cuidadas! Da Sacony os mesmos 50\$00 dos Empregados e 300\$00 da Direcção.

Um fardo de chapéus e boinas do Porto. Oh! rebuliço! Mais 20\$00 da mesma admiradora. Mais visitantes. Agora não há cartões, felizmente...! Já compreenderam que estas casas não se fazem com cortezias; —nem com água benta!

Mais mil escudos do Ribatejo. Fiquei espantado! Mais 100\$ da Reunião do Curso Médico de 1920/21. Mais 300\$ do Estoril. Mais aqueles costumados 20\$00.

Mais no Espelho da Moda um rôr de coisas a dizer que sim: —dois estudantes com 20\$00 pelo meu exame. Um outro com uma libra esterlina. Uma libra! Qualquer prenda que tinham certamente dado a este ou a esta estudante, por faustosas datas, e agora, transforma-se em pão para os sem casa! Joias. Ouro-berloque. Coisas desvalorizadas, porque escondidas nos escaninhos das tuas caixas. Porque é que não transformas essas ninharias em sangue?! Sim. A nossa aldeia é sangue. Os pequeninos vadios que nos procuram, dão-no pelo seu trabalho, pelos seus pequeninos heroísmos de toda a hora. Estamos a construir mais casas. Vamos receber mais rapazes.

Deposita no Depósito mais libras ou coisa que o valha. Fui ao Porto consultar um médico. Ele viu, perguntou e receitou. E fez mais. Pagou ele mesmo a consulta com cem escudos que me deu! Disto só no Porto.

Mais 100\$00 para a Canadiana. Não é com 100\$00 que ela se compra mas é por este caminho que se lá vai. Mais 250\$00 tirados ao primeiro ordenado de um engenheiro, acompanhados de uma carta que vale mais do que isso. E mais nada.

Encontra ali o que nunca teve. —bafo de Mãe. Ele vem cansado do bafo das ruas.

Mas a nossa Obra é ainda mais alguma coisa: —ela é uma resposta humilde aos pequeninos que chamam. É uma dívida dolorosa que se paga à ingratidão dos que não querem ouvir.

Coube-me a mim a sorte de pagar. Entre milhares de sacerdotes em Portugal, quiz Deus escolher este que vos fala.

Peço a cada um dos presentes, que me ajude. O ano passado foi aqui um cortejo de oferendas silencioso, eloquente. Este ano, somos aqui os mesmos e as necessidades maiores.

No fim das palavras escutadas em silêncio, começa o cortejo das oferendas, este ano um

Colónias de Campo

O segundo grupo, correu sem novidade. A boroa, era o grande minio dos colonos: *a gente, em casa não temos assim!* Pois não. Quem é que tem hoje pão?!

Antes do seu regresso à ilha, vieram à nossa aldeia pesar-se e fazer suas despedidas. Tinham vindo antes, por duas vezes, fazer uma serenata à malta, a cantar o *Pinga*; ó que primor de vozes! Os nossos, responderam no dia seguinte com o *foi na loja do mestre André*, também em forma de serenata, mas ficaram muito àquem.

Eu estava em cima, na varanda, e via-os a sair um a um da casa da balança: *levo mais um quilo*. Tantas alegrias juntas na alma daquele pequenino! A de ter comido bem. A de se sentir mais forte. A de regressar a casa. Esta, a maior de todas! Como haveria no mundo mais felicidade e mais interesse pela vida, se cada um tivesse a sua casa, só pela força amorosa que de lá vem! A gente lê esta verdade na alma da criação. O dia do regresso é o maior; vão para casa.

Descei abaixo, para estar mais perto deles. Um grupo acode imediatamente a fazer-me festas. Eu também as fiz e disse: *hoje tratais-me assim, mas amanhã, no Porto, correis-me à pedra*. Nisto, levanta-se um pequenino das ilhas de S. Victor fita-me com uns olhos flamejantes e exclama: *Não. Nós agora atiramos-lhe ramos de flores*.

As flores, deram sempre matéria para lendas milagrosas. Conta-se da Rainha Santa um caso de flores. Flores; este ramo de flores que o garoto das ruas tem para me atirar, é um milagre de amor. Embarcaram em Cête no comboio das 18 e quê. Nas estações, quere-se saber o que é tanta chilreada. Pergunta-se. Cada um guarda na sua alma, a seu modo, a novidade. Nem todos da mesma sorte. É um erro dizer-se que somos iguais.

Estamos agora ocupados com o terceiro grupo, mais difícil porque mais crescidos. Os monitores, são o Armindo, da Faculdade de Engenharia. O Manuel, do Seminário de Coimbra. O Nuno de Riachos, do Seminário dos Olivais e o Batista, do Porto.

O Nuno, estava na estação de S. Bento, ao embarque. É costume comparecerem colonos que já estiveram, a vêr se falta algum à chamada, e virem novamente, na sua falta. É costume. Pois bem. Todos estes se atiravam ao Nuno, de contentes. As Mães diziam: *Olha como os nossos filhos são amigos do senhor doutor!* Como eles são bem tratados, diziam outros. É o povo chamado baixo. Só as Mães. *Senhor Doutor*, chamam elas a um neo-sacerdote. Elas não conhecem nome mais alto na sociedade. Dão o superlativo a quem dá aos filhos delas o superlativo: *Como eles são bem tratados!* Ontem se aquele *senhor doutor* passasse no Bêco, seria um padrecão.

Isto são factos. Vale a pena meditá-los. A Igreja precisa de ir buscar. Chamar, para quê? Não veem. Conta-se que um sacerdote foi mandado a Paris, para fazer apostolado nos bairros pobres, onde havia portugueses. Chegou lá. Poz cartório. Esperou. Ninguém apareceu. Regressou à base. Eis.

Eu também estava. Uma velhinha, *eu tenho 80 anos*, mostra-me o neto — *olhe, fique-me com ele*. E conta-me de que como desejaria morrer bem, por saber o seu netinho abrigado, que para maior mal, *tem o costume de bulir no que está quieto*.

Mas há males maiores. Eu não fiquei com o seu netinho! Não posso. Não temos espaço nem organização; e não queremos amontoar.

nadinha prejudicado pela amabilidade das meninas da Acção Católica. Foram pedir à multidão, e está bem, mas eu antes queria que a multidão viesse aonde eu estava. Haveria mais interesse. Maior sacrifício. Melhor coesão. Não era eu que me mostrava. Seriam eles a ver com os seus próprios olhos, que aqueles que trabalham por amor de Deus são do talho dos mortais.

O Senhor que trouxe o ano passado uma nota de conto, veio este ano pagar o mesmo fôro. Outros senhores e senhoras trouxeram mais dez.

Falou-se em ir também ao casino. Ao Casino Monumental. Este é o nome que puseram ao da Póvoa, mas todos eles são monumentos de tragédia nacional. Ir ali pedir? O quê? A quem? Ali é outra vida. O pensamento anda ocupado com coisas mais serias e mais absorventes.

De como foi a venda do nosso jornal

Foi uma coisa nunca vista; estou a vêr que temos de racionar o Gaiato! Os vendedores da praia de Leça, comeram em casa *duns senhores*. Não sei que mais admirar; se a generosidade de quem oferece ou a audácia de quem aceita. Foi *batatas partidas às rodela e uma coisa que parecia figado*, disse o Ferreirinha. Os vendedores de Espinho, no dizer do Rui, vão sempre comer ao mesmo sítio. *Nós temos ali casa certa; o Sr. Engenheiro*. Ter hoje uma casa certa onde comer, é a maior das pechinchas. Os de Braga, não comeram desta vez na *senhora do mel*, no que tiveram muito pezar; nem admira. Ela sempre é a *senhora do mel*! Os fregueses da Vila de Paredes, retilaram e com muita razão. Já se deram instruções para que nunca falem os sessenta exemplares que ali se costumam distribuir. Ora os rapazes teem às vezes faltado a venda por não haver que vender. O Amadeu Elvas já vai perdendo o medo de oferecer o nosso livro; desta vez vendeu quatro no Porto e dez na Povoia. Porém o Oscar vai muito à frente com trinta e sete. Em questão de venda do jornal, também o Oscar leva uma terrível avançada. Os acréscimos sobem a novecentos escudos. Houve 24 assinantes que lhes confiaram assinaturas e dinheiro. Ontem fui ao Porto. Regalei-me de me sentar à mesa e comi com eles cheio de amor e tremor! Quem ama tremer. Tantos perigos nas ruas! Que de tentações nas casas onde trabalham! O Avózinha, o rei dos lambareiros, foi cair numa pastelaria! O Vitela, que trabalha nos Clerigos, declarou-me que ali são todos muito amigos dele. Quis que ele me desse um sinal. E' que, informa o pequenito, quando eu chego de manhã, todos me dão uma mãozinha e o sr. Pacheco vai-me dar um fato. Em cima, à rua Candido Reis, temos o Amandio. Na rua de Santa Catarina temos um mundo deles. Eram todos da rua. Se algum regressar ao vomito, o que o nosso bom Deus jamais permita, cá estou para sofrer, sem licença de desanimar.

A nossa aldeia

Continuação da primeira página

A uns 10 metros da Capela, aparece a chamada Casa-Mãe, onde estão instalados cozinha e refeitório. De todas as casas já construídas e outras que se venham a construir, é esta que leva a camisola amarela. Os rapazes veem ali 4 vezes ao dia, e nunca se enfadaram. E' o almoço. E' o jantar. E' a merenda. E' a ceia. Ela é a prisão. E' a Mãe. Quem há que saiba prender filhos como as mães?!
A casa seguinte, é o nosso hospital. Outra prisão. Os rapazes gostam de ir aos curativos das CREADELAS e contar as suas dores, que são sempre de barriga ou de cabeça. Alguns, mais preguiçosos, arranjam outras, mas não pega!

E' agora a vez de nova casa de família, aonde chefiar o Amadeu e Pepe, cada um em seu piso, com 50 subditos. A tarefa é difícil, mas eles dão conta. Eu antes quero a desordem deles do que a ordem dos regulamentos. Ainda nenhum matou nenhum. Enquanto assim não acontecer, eu digo que tudo corre bem.

Um nadinha à esquerda, vê-se a casa onde dormem, em camas especiais, os descuidados. E' um mal das ruas. Não se habitua facilmente à limpeza, quem nunca teve nem viu ter esses cuidados. E por ultimo, aparece nova casa de família, onde Rio-Tinto e Poeta exercem ferozmente a sua autoridade. Cada um governa 16 rapazes. Há dias, houve grande sarilho no piso do Rio-Tinto. Ele não deu conta. Chamei-o a contas: —Olhe, eu venho dos campos tão cansado, que começo logo a dormir.

Sendo assim, está certo. O trabalho é virtude. Os anjos guardam a casa e garantem a ordem.
Ora se éle ainda há alguém em Portugal que não conheça a nossa aldeia, aqui tem o retrato, para ficar a conhecer.

MIRANTE DE COIMBRA

Tem andado fora das colunas deste jornal o Lar de Coimbra. E' que, se todas as artes e officios aqui teem representantes, o jornalismo ainda não encontrou nenhum fervoroso adepto. Mas, para que o silencio muito prolongado não deixe a impressão de que a casa está em agonia, aqui publico alguns instantâneos que deste Mirante pude obter.

Terminaram as aulas do Posto Escolar noturno e da Escola Comercial. Depois da ultima refeição, os rapazes teem umas horas livres. E' interessante acompanhar a variedade dos gostos de cada um.

Há-os que aborrecem a rua e sistematicamente só saem de casa por necessidade; há-os que procuram a rua com prazer e nela ficarão indefinidamente, se a porta, que não tem chave, não fechasse impetivelmente às tantas da noite, com uma simples cavaca; há-os que aproveitam esse tempo para ultimar a conversa relativa ao próximo casamento, e há-os finalmente que dedicam aquelas horas a um trabalho suplementar cuja remuneração lhes aumenta o pecúlio indispensável ao futuro.

Nesta ala de trabalhadores, honra seja feita aos alfaiates.

A Sala da escola transforma-se numa autêntica alfaiataria até altas horas da madrugada.

Um ou dois talham, outros provam e todos fazem girar a máquina e a agulha e o ferro de engomar. Assim se vestem uns aos outros, com economia, e não menor elegancia.

—Mas os patrões não vos ensinam a talhar...

—Nenhum ensina, mas para que é que a gente quer o lume no olho?

Não há que recear pelo futuro destes rapazes que fazem do trabalho uma devoção.

O Benedito foi muito afortunado. Pediu e obteve do Patronato de Menores, uma máquina de costura. Esta dadiwa honra quem a recebeu, pois foi tida em conta a sua oonduta irrepreensível e honra também os Serviços Jurisdicionais de Menores pelo acto de justiça que praticaram. Nunca as magras economias dum rapaz seriam suficientes para adquirir um instrumento tão caro. Agora, ao sair do Lar, concluída a sua formação profissional, estes pupilos teem o seu ganha pão sempre pronto e garantido.

O João não me larga. Quere por força que eu seja o padrinho de casamento. Verdade seja que não são os meus lindos olhos ou caligrafia que lhe metem cobiça, mas uma comoda de pau preto que ele diz que o padrinho lhe há-de oferecer. No ninho dum pobre passarinho qualquer palha é conforto. Assim os meus antigos trastes.

Há muitas coisas lindas que se não fazem só porque não são sugeridas.

Quanto mais nobre não seria conduzir ao Lar, para a ala dos namorados, aqueles moveis usados que se vendem ao desbarato às casas de velhas.

Do aproveitamento escolar falou-se noutro recanto deste jornalinho. Aqui vem a propósito só o aproveitamento profissional. Felizmente são visíveis os progressos dos patrões. Nunca é demais enaltecer a boa vontade dos patrões que remuneram equitativamente o trabalho.

Um empregado de escritório que começou com um escudo e cinquenta centavos diários, está agora com 900\$ mensais.

Um aprendiz de alfaiate que começou com 5\$00, subiu já à categoria de oficial com 18\$00; um aprendiz de tipografo está a receber 20\$ e assim por diante.

Aqui está o mérito do Lar: tirar rapazes da Rua, sustenta-los no periodo de aprendizagem sempre mal remunerada, ampara-los moralmente na pior época de crise e finalmente lança-los na vida já com amor ao trabalho e salário familiar suficiente para se governarem por si mesmos. Só se perdem os que desperçam a oportunidade que aqui lhes é oferecida de serem homens honrados.

P.º ADRIANO.

Notícias da Casa de MIRANDA

POR CARLOS ALBERTO FONTES

No dia 28 de Julho de 1946, reuniram-se os meninos da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato. Fez-se a leitura pelo manual da sociedade. Os artigos que se leram, expunham o método que a reunião deve seguir para podermos tirar dela algum proveito. Fomos visitar os nove pobres que temos e levamos-lhes batatas criadas na horta da Conferência e pão que os meninos deram ao café. Um miudinho de ano e meio apenas nos viu entrar correu logo à mãe dele a perguntar: *ó mãe eles trouxeram pão?*

O pobrezinho das Miãs pediu-me um carapuço e

Cantinho dos Rapazes

Meus filhos; tem sido uma falta da minha parte, o não ter conhecido a dar-vos este cantinho, que também é meu por saber que gostais dele. Continuemos, pois.

Agora, que já são muitos os que trabalham no Porto, com geral agrado dos bons senhores que vos procuram, eu quero dizer a todos aquilo mesmo que por muitas vezes tenho dito a cada um, a saber: Mais tarde, a seu tempo, hei-de chamar alguns para ocupar lugares de responsabilidade na nossa obra. Agora não, que sois pequenos. Pensais como quem sois. Não podeis compreender toda a grandeza da nossa obra e da necessidade que ela tem dos nossos braços. Mas virá tempo, e nessa hora, lá estou eu a bater à porta.

Nós não temos ainda serviços de secretaria devidamente montados, nem um escritório em condições. Não temos. Eu vou amontoando as coisas naquela ordem de que sou capaz, à espera. Antes quero esperar por vós, do que dar lugares na nossa casa a gente de fóra, entendeis? Quem diz secretaria, diz outros negócios que reclamam a presença de pessoas que verdadeiramente se interessem. Ora essa pessoa és tu, quando eu te chamar.

Aplica-te com todas as forças à ocupação que agora tens. Faze um bom lugar. A casa aonde trabalhas, será a tua escola de um homem honesto. A nossa comunidade, escola de um bom cristão. Assim preparado para a vida, podes e deves fazer boa figura, na gerência dos negócios que te venham a ser confiados.

Não tenhas medo de deixar o que porventura possas vir a deixar. Encontra tudo, com a vantagem de estares em tua casa. Tens vida assegurada. Muito poucos serão chamados, mas os que forem, venham sem receios.

A nossa obra, não é para estranhos. Se agora temos alguma gente de fóra, é por necessidade. Não é por vantagem. Vantagem é mas é ser tudo nosso. Tudo de casa. Não vês que temos já o Rio Tinto mal-lo Zé Sá a coser sete alqueires por dia? Os cozinheiros a fazer o comer, e tão bem feito? Em um destes domingos, estava um grupo de visitantes à porta do refeitório, a vêr como vocês comiam. Haviam lágrimas nos olhos de alguns. Perguntei a causa delas: *é a comida que é muito bem feita*, ouvi dizer. Ora se éle é verdade que vós já hoje fazeis chorar o mundo de contente, —que será amanhã?!

Quando aqueles visitantes que vos observaram a comer o nosso caldo, feito e servido por vós, tiveram ocasião de vos observar mais tarde, ocupados na gerência da nossa casa — como não hão-de chorar?!

Sim. Quem há-de fazer o preço às coisas que saírem das nossas oficinas, colocá-las no mercado, procurar materiais, fazer a contabilidade, —quem? Gente de fóra?

Quem há-de procurar empregos para os nossos rapazes, vêr como eles se portam, conversar a este respeito com os patrões, amparar, aconselhar, —quem? Gente de fóra?

E tratar dos negócios gerais da obra, entender-se com autoridades, administrar o que nos pertence, —quem?

Tudo isto é missão vossa; lugar que vos está reservado.

Vós tendes intelligência, tendes capacidade, sois dotados de valor. Salvaram-te? Pois vai tu agora salvar. Os teus companheiros da rua, estão à tua espera. Põe à ordem deles a tua intelligência, a tua capacidade e o teu valor, que nisso te valorisas mais. E cumpres o Evangelho: *Faze aos outros como gostas que te façam a ti?*

uma coberta. Como lho não levamos logo, éle comprou um e umas botas com as esmolos que lhe dão. A coberta havemos de lha levar no próximo dia que a gente lá vá. Quatro meninos da nossa Conferência não foram visitar os pobres por terem ido fazer a Comunhão Solene. Por esse motivo também convidamos quatro pequenos filhos dos nossos pobres para virem jantar connosco. A um deles que também fez a Comunhão Solene demos um facto completo. Resolveu-se fazer no próximo domingo a colecta dos subscritores.

O tesoureiro reuniu no saco 21\$00 e declarou haver em caixa 173\$35 tendo-se distribuido até hoje 4.157\$40 e algumas centenas de peças de roupa.

O Secretário

Carlos Alberto Fontes

No primeiro domingo de Agosto realizou-se uma festa em nossa casa pela despedida de alguns meninos que se vão embora. Vão dois ou três para a família que se quer, e os outros querem ir para a casa do Porto para o comércio. Alguns maiores ainda ficam para trabalhar nos serviços do campo. Como eu fiz exame também me irei embora para casa no dia 5 a ajudar a minha família. E' esta a ultima crónica que eu faço, por isso me despeço de todos os leitores do "Gaiato".

Foram vendidos os seguintes jornais: Em Coimbra, 500. Na Figueira 120. Na Lousã, 54 e em Miranda, 30. Houve de gorjetas ao todo 136\$00. Na Figueira o Albino foi almoçar a casa do sr. Dr. Juiz da Comarca; na Lousã foram comer à casa do costume. Desta vez venderam-se menos porque faltou o Rádio que tem estado doente.

O nosso aviário está quase completo. Deram-nos pombas em Tábuas e Godinhela e alguns meninos foram aos ninhos e trouxeram rolas e melros.

Agora andam às cega-regas. De vez em quando trazem-nos nos bolsos e elas começam a cantar.

O Sarequita que é um macaquito para subir às oliveiras atrás delas, caiu duma arvore abaixo. Começou logo a apertar a cabeça a gritar: *ai que parti uma perna*. Mas não partiu nada porque ele parecia de molas.

Isto é a Casa do Gaiato

O batata nova, foi ontem chamado novamente a responder em tribunal. As acusações ferviam: *Ele aceitou dos senhores*. As testemunhas declaravam com indignação, cada qual como tinha visto: *foi tostões, foi moletes e foi uma laranja*. No capítulo laranjas, houve uma testemunha que agravou, dizendo que, ao senhor que lhe deu uma, pediu ele mais outra! Na presença de tantas testemunhas e de tamanha evidência, o batata nova não teve coragem de negar.

Este réuzinho tem vindo já muitas vezes a tribunal e há-de vir muitas mais. Nunca tivemos aqui em casa nada semelhante. Quere tudo para ele. Refila pelas coisas. Quere que todos lhe façam tudo. Ora assim não está certo. Mais acertado é o fazer-se um tudo para todos.

Temos chamado muitas vezes a contas o pequenino Delfim, que vem a ser o batata nova. Ele tem uns cinco anos; já é massa apta a receber impressões. Se as não receber agora, enquanto é tenro, não as receberá mais tarde, por endurecido. Que caudal humano não vai perdido por essas sargetas além, pela voz que corre a dizer que as crianças pequeninas não distinguem o bem do mal!

NÓS gostamos de dizer a verdade toda, nas coisas que se passam cá em casa. Começamos primeiramente pelas que mais desagradam e passamos depois às mais gostosas.

E' assim nos banquetes; o melhor vem no fim. Aquilo mesmo onde o batata nova se tem desqualificado tem servido para qualificar outros. Quero falar do Gaspar Pinto. O bucha. Também lhe ofereceram coisas. São os visitantes do domingo, que gostam de repartir seus merendeiros. Os Senhores insistem: *Toma; bebe uma pinga*. O Gaspar, que também é muito pequenino, declara que não pode aceitar, e como fôsse muitas vezes rogado, respondeu sacudidamente:

Nem pinga nem pingão! Esta criança era dos do caudal humano da sargeta publica. Seria entulho se não fôsse nosso. A *Obra da Rua*, meus senhores, é uma resposta humilde aos que chamam por nós. E' uma dívida dolorosa que se paga ao mundo, pela ingratidão do mundo.

AGORA tem a palavra o Mário. O Mário grande. O do Bomfim, o qual tem vindo aqui algumas vezes pelos seus defeitos e vem agora pelas suas qualidades.

— Bebe rapaz.
— Não posso aceitar.
— Anda que ninguém vê.
— Vê sim senhor. Vê Deus!
O senhor do merendeiro fulminado pela decisão do rapaz, foi ter com um dos nossos professores, a quem revelou o seu espanto por esta forma. «Eu cá não sou de padres nem de religiões, mas admiro a obediência. Isto é coisa muito rara. Nunca assim vi na minha vida».

O nosso carro estava pronto para uma viagem a Braga. Dois dos nossos pequenos, Inácio e Oscar, pediam-me para ir. O primeiro foi quem abriu conversa, e como eu dissesse que só havia lugar para um, o Oscar fala e diz: *então que vá o Inácio*. De entre os dois pequeninos, é o Oscar quem mais sabe amar! Este rapaz tem vinte e sete prisões. Conhece todos os polícias da cidade do Porto. Diz com muita graça as alcunhas por onde dantes os conhecia. Quantos valores perdidos meu Deus! Mas continuemos. Dai a nada soube que nem para o Inácio haveria lugar por causa de outros compromissos.

Avisei-o com boas palavras, mas as dele foram melhores: *não importa. Será para outra vez*. O Inácio veio ontem a onde eu estava trazer uma pinga de chá. Reparti com ele do mais que vinha no tabuleiro e enquanto conversa

vamos, perguntei-lhe o que é que ele comia em casa. *Era caldo e às vezes rapava o tacho*.

Aqui está uma declaração de orfandade. Se tivesse mãe era ela quem no rapava!

VAMOS agora mudar a página, não vá alguém supor que a Casa do Gaiato é corte celestial. O magala, por estar afeito a comer na cozinha e ser agora mandado para o refeitório, que fez? Que fez o magala? Fez beicinha! Conservou-se dois dias de beicinha. Estávamos nós recando um *Gandi* em Portugal, quando o teimosinho, ao segundo dia, resolve comer. Chamei-o ao pé de mim: *estárs tu doente António?* O magala carrega o semblante e nada responde. E' doença sim senhor. E' doença que nasce com a gente e que pela vida fora, nasce muitas vezes dentro da gente! Há muitos que vivem até desta doença. O seu mais terrível sinal está em que esta classe de doentes, não dá fé da sua doença!

MAIS um caso triste. E' o Alvaro que já aqui veio. O que fugiu de Miranda com o produto da venda do jornal e veio Jar aqui, a mentir com quantos dentes tinha na boca. Pois há dias fui intimado a comparecer perante o Juiz da comarca e dizer o que sabia de um menor chamado Alvaro preso no Porto com \$3\$50 na algibeira, declarando tê-lo roubado ao Padre Américo da Casa do Gaiato.

A primeira palavra que eu tive para dar ao Juiz, foi *paz*. Muita paz. A paz do Senhor.

As aflições que nascem da natureza das coisas, não roubam a paz da alma. O caso do Alvaro, o caso do Zé Maria. Casos que já foram; casos que são; casos que forçosamente não de ser, são pertencças da obra da rua. Só me admira que tão raramente se dêem! Muita paz. A paz do Senhor. Não como a dá a Conferência da Paz...

AGORA por Zé Maria; ele saiu da cadeia e veio ter à nossa porta. As cartas que de lá escrevia, era justamente a preparar o terreno. O Daniel veio dizer: *está ali o Zé Maria*. Atrás dele, outros. Dai a nada a notícia já não cabia na aldeia. Convoquei a malta. Falei solenemente. Escolhi dois a quem dei a missão de mostrar a porta e pôr na rua o infiel. Assim se fez. Fizeram-no eles. A obra é deles. Não podia ficar entre nós, tão venenosa foi a lição. O mal contagia-se. Eu tenho de defender as crianças que me procuram. Pode acontecer que este delinquente vá dizer aos outros que foi abandonado. Pode acontecer. Porém, a si mesmo, nunca o pode fazer, e aqui é que bate o ponto. Nisto reside o valor da nossa obra. Duma vez, apareceu-me em Coimbra um rapaz da Casa Pia, com cartas de recomendação. Foi atendido, sim, mas não foi fiel. Um dia em que entrei na cadeia da comarca, encontro-o no meio dos outros reclusos. Fixei-o, admirado. O rapaz não contava comigo. Para não ficar mal diante dos companheiros disse-me a frase do estilo: *sou um abandonado da sociedade*. Não falou para mim; tão pouco para ele mesmo.

Falou para os outros. E' tam barato falar!

Aquela palavra interior que sai de nós e é dirigida a nós, é grito de redenção. Aqui há muitos anos segui com os meus passos, por uma encosta acima, uma mulher que fôra muito formosa e muito pecadora. Chamava-se Carolina. Ela não dava fé de quem ia atrás. Parava aqui, agora ali. Gemia os anos; gemia os trabalhos. Eu escutava. A certa altura, ouvi distintamente: *Anda Carolina. Sobe Carolina. Paga Carolina*.

Quantas vezes não teria ela falado ao mundo a linguagem do mundo, com palavras enfeitadas?

Agora não. Fala de si mesmo, para si mesmo. São palavras redentoras.

CHEGOU o tempo de guardar os campos de milho, que os pardais são atrevidos. O bucha foi nomeado ontem solenemente para desempenhar o cargo, e logo empossado. O nosso protocolo é muito resumido. Hoje de tarde, fui dar uma volta pelos campos. Não sei que aroma forte vem da terra àquela hora, depois de um dia de sol creador!

Quando levanto os olhos, dou com eles no bucha. Havia muitas espigas comidas.

— Olha pra qui!
— Não tenho tambor.
Agora tem o tambor; é uma lata velha.

ESTEVE há dias na nossa casa, vindo de muito longe, um senhor que quiz informar-se pessoalmente do progresso de um dos nossos rapazes, tal nome e acções tinha ele na terra de onde veio. Inteirou-se e foi-se embora.

Dias depois vem alguém da mesma terra com identica missão. O rapaz estava ao pé de mim enquanto a dita pessoa passava, uma por uma, as folhas do seu livro desditoso. Também se foi embora. Agora, conhecedor de tantas coisas, disse ao nosso ex-vádio que tinha medo de o mandar para o Porto aonde os perigos seriam maiores que na sua terra natal porque também a terra o é; e pedi-lhe que me dissesse aonde estava o segredo de tamanha transformação.

O nosso homem tem uns olhos negros que falam à gente com muita expressão.

Fita os meus e diz assim: — E' que a gente aqui pensa no trabalho.

Esta verdade infelizmente não os abrange a todos. Quando ele diz a gente quiz falar de si mesmo. Há muitos que não pensam assim. Mas a verdade fica de pé. Transformam-se, sim, todos aqueles que pensam no trabalho e sentem-se felizes, porque tem muito em que ocupar o seu pensamento.

Este tem sido o Chefe da Copa. Fez exame. Ficou distinto. Disse-me que quer voar e eu vou dar-lhe asas. Tenho obrigação moral de o fazer. Não vem longe o dia em que o possas ver no Porto a trabalhar no Comércio e a estudar na Escola Comercial.

MAS não são todos assim. A nossa obra não é dos escolhidos. E' mas é dos rejeitados. Se é verdade que todos aqui trabalham, nem todos pensam no trabalho. E' um trabalho forçado. Ocupam o pensamento noutras coisas. Para não irmos mais longe, temos o Celso de Vizeu. Trabalha nas oficinas de ferreiro, mas anda por muito longe. Não tendo a missão de Cicerone, faz-se um deles para guardar as ofertas que nos dão. Esconde o dinheiro nos buracos das paredes, rouba outros dinheiros como e onde pode. Responde malcriadamente aos trabalhadores d'aldeia. Fuma. Ele fuma. Fumava antes de vir para cá. Trouxe com ele a tarimba do mal e o maior de todos está na avançada idade com que se apresentou; 13 anos feitos. Não há rapazes maus, mas é muito difícil torná-los bons quando começamos tão tarde a conhecê-los. E' no berço que se forma a criança sobretudo crianças desta natureza. Se não houvesse outros espinhos na nossa Obra, este chegava para espinho.

DEU-NOS um mal nos porcos que os está limpando a todos. O tratador deles, que é o Jacinto, também conhecido pelo nome de *figo seco* anda muito aflito. E' um grande prejuizo para a nossa vida económica.

FIZEMOS um grande lago junto ao nosso campo de futebol. E' navegável. Os navegantes

são os nossos patos. Já aprenderam o caminho e, de manhã cedo, mal o Sapo, lhes abre a porta, aí vão eles em bicha: — Cuá, cuá, cuá! Durante a semana, vivem tranquilos no espelho da água, mas vem o Domingo e pagam-nas todas. Como não há obrigações, a malta arranhou uma: — é a de rodear o lago com canas e paus e berros e ditos — horas amargas para os argonautas.

O Sapo, vem e acode e berra e enxota, mas só consegue aumentar o barulho. A tropa não faz caso dele.

DESDE que nasceu a hora de tocar o sino da nossa Capela, já se perdeu a conta

do numero de cordas, algumas d'arame.

Nem as d'arame têm escapado! Tanto gosto de ouvir dobrar o sino para a oração da noite e raras vezes me deleito. E' o sino do refeitório que chama.

Indago a razão disso. E' sempre a mesma: partiu-se a corda do sino.

A última cena foi ontem. Era o Xico d'Abrantes que tocava. O Carlos da cozinha também quere tocar. Ambos puxam e... pronto. Outra corda que se vai.

O Carlos! O nosso cozinheiro. O cozinheiro de uma comunidade de 130 rapazes. Hoje houve tribunal. Puzeram-se os pontos nos ii e uma nova corda no sino. Ora vamos a ver.

Crónica do Lar do Porto

Rua D. João IV-682

Notícias dos nossos Pobres

Ao enterro do pobresito da R. de Fernão de Magalhães, foram todos os nossos confrades. O Pretito continua cada vez pior da sua doença. Na semana passada rebentaram-lhe mais abcessos, agora nas costas. Está esperando vaga no Sanatório. Cada dia que passa é um ano que a doença atrasa.

Recebemos do Conselho Superior da Sociedade de S. Vicente de Paulo o relatório de 1945, que é lido e apreciado nas nossas reuniões. Foi-nos oferecido para a nossa Conferência, de uma Senhora de Leça 5\$00. A Conferência agradece e lamenta não registar mais ofertas. Estamos a dar aos pobres 40\$00 por semana e duas refeições de leite e farinha a uma criança todos os dias e pagamos o aluguer de 80\$00 a um pobre. Quem nos ajuda?

Chegaram de Miranda do Corvo mais dois rapazes; são o Velha mai-lo Manuel Marques. De Paço de Sousa também veio o Amândio (Dê Dê). O Velha está empregado numa confeitaria desta cidade e o Amândio numa loja de fazendas. Só falta arranjar emprego ao Manuel Marques.

O Júlio foi nomeado Chefe, cargo que estava vago desde a transferência do Luciano para Coimbra. Espera-se que ele cumpra, servindo todos os rapazes. E' chefe.

No domingo fomos todos passear à Foz, excepto os que trabalham em casa que tendo-se portado mal não foram connosco. Foi uma tarde bem passada. Jogamos à bola na praia, tomamos banho e à tardinha regressamos.

Há dias dois tinhosos resolveram desertar. Foram eles o Chan Kai Chek e o Fernando (aquele a quem nós demos banho). De que se havia de lembrar o Senhor Fernando? De convidar também o seu colega Chan Kai Chek. Para irem roubar uvas para o mercado do Anjo. Razão tem o Snr. P.º Américo para não querer perto da cidade os que ainda não deram provas de bom comportamento, mas estes estavam cá para tratar da tinha. O Fernando não regressou mas o seu companheiro veio ter a nossa casa pela mão da mãe. A' noite houve tribunal; o Chan Kai Chek foi chamado e confessou-se arrependido do que tinha feito, e o Chefe castigou-o, diante de toda a comunidade do Lar.

Ofertas da Quinzena

Do Snr. Homero Lencastre uma dúzia de sacarrolhas, dos quais foram oito para Paço de Sousa, ficando os restantes para aqui. De uma Senhora vinte escudos que entregou ao Despacho. E outros vinte de uma visitante. Agradecemos aos benfeitores e pedimos a todos que tomem nota de que o Lar do Gaiato é na Rua D. João IV-682.